

Manuel Alves
Pachal 11 81922

BIBLIOTHECA ESCOLHIDA

—
THEATRO

PEDRO O CRUEL

MARCELLINO MESQUITA

PEDRO O CRUEL

2.^a EDIÇÃO



LISBOA

J. RODRIGUES & C.^a, EDITORES

186 — Rua Aurea — 188

1920



PERSONAGENS

D. Pedro I, rei de Portugal, cognominado o Cruel. *Alto, bom porte. Cabelo e barba castanho-claros, muito cuidados. Um tanto gago. Trinta e cinco annos.*

D. João d'Ornellas (abbade de Alcobaça)	Ayres Peres (troveiro)
D. Lourenço (bispo de Lisboa)	Gil Ennes (medico)
D. João (bispo de Vizeu)	Affonso Madeira
D. Gil (bispo da Guarda)	Simão Peres (o Carrasco)
D. Affonso (bispo do Porto)	Affonso Rodrigues
O Conde de Barcellos — Mordomo Mór	Um alcaide
Vasco Martins de Souza--Chancellor	Um meirinho
Fernão Martins de Santarem	Um clerigo
Estevão Lobato	Um falcoeiro
Alvaro Vaz	Um monteiro
Pêro Coelho	1.º fidalgo
	2.º fiaoigo
	Rosa e Brites (creadas novas)
	Anna (velha creada)

Fidalgos, damas, pagens, frades, homens d'armas, falcoeiros, monteiros, populares



QUADRO I

Uma cosinha e caza de jantar duma caza rica da Beira. Alta chaminé. Cantareiras com loiça. Grande meza ao centro, com serviço de faiança. Armas de caça pelas paredes. Escabellos. Tochas, em argolas, nas paredes.

Ao levantar do pano, á lareira, uma serva prepara as comidas. Anna Vaz sentada n'um banco toca sanfôna e deante d'ella, duas raparigas dançam, mollemente, em dança de roda, uns momentos, ainda, com o pano subido.

ANNA VAZ (*Parando de tocar*)

Falta-vos graça, môças... falta-vos vida.

ROSA

Deixai lá... ensinai-nos. O Sr. Infante bem sabe que não somos moiras nem judías. Tocai lá. Tocai lá.

ANNA

Levantai mais os braços. Quebrai-vos mais...
alegres... alegres...

(Toca e canta, as creadas dançam)

Madre querida,
Vou-me á bailida
Vou-me á bailida

ROSA E BRITES *(em canto)*

Do meu amôr.

ANNA

Madre adorada
Vou-me á bailada
Vou-me á bailada

ROSA E BRITES

Do meu amôr.

ANNA

Melhor... vão melhor.

ROSA

Vêde que tudo se aprende.

ANNA

Quereis outra volta ?

BRITES

Outra, sim, outra.

ANNA

(toca, canta)

Vou-me á bailada,
Vou-me á bailida,
Vou-me á bailida.

ROSA E BRITES

Do meu amôr.

ANNA

O' mãe quem dera,
Fôsse a garrida
Fôsse a garrida

ROSA E BRITES

Do meu amôr.

ANNA

Vão melhor... muito melhor.

ROSA

Eu não vos dizia? Uma outra, tia Anna.

ANNA

Já basta.

BRITES

Outra vez só ; a ultima.

ANNA

Vá lá. Vá lá.

O' mãe querida
Fôsse a garrida
Fôsse a garrida

CREADAS

Do meu amôr :

ANNA

Madre adorada
Fôsse eu a amada
Fôsse eu a amada

ROSA E BRITES

Do meu amôr.

ALLONSO

*(Entrando, com um cangirão de faiança cheio de vinho
que põe ao pé do lume. No braço uma cêsta com fructa.)*

Deixai-vos de sanfoninar, tia Anna; bem sabeis que o snr. Infante não gosta d'essa ronca.

ANNA

E' para a dança, Allonso. Tambem dirás que não gosta de dança, o snr. Infante ?

ALLONSO

(Pondo as frutas na meza)

Ah! isso não. Ha-de ser, quando o fôr, um santo rei, como o rei David, *(á creada da lareira)*. Olha-me bem esse cabrito, môça, não vá queimar-se.

3.^a CREADA

Não vos dê cuidado.

ALLONSO

O snr. Infante não tarda e deve trazer vontade...

ROSA

Não tarda? se algum servo manhoso o não chamou ao matto.

ALLONSO

Bem se lhe importa a elle, dormir ao relento, encostado a uma arvore... Haja veado no cêrco... ou urso... ou pôrco bravo... *(vai á porta)*. Agora, então, parece que se recreia a andar de noite e só.

ANNA

Não é urso nem veado o que o faz como anda, e ser como é.

ROSA

Como é elle?

ANNA

E', agora, o mesmo do que foi? Alegre como era, triste como anda? Só quem não tem olhos o não vê.

BRITES

Dizes bem, tia Anna. O snr. Infante não é o mesmo.

ANNA

Nem por sombras. *(ao Allonso)* Tem-lo visto cantar? Tem-lo visto dançar?

ALLONSO

Em verdade, em verdade, ha tempo tem mudado

ROSA

Tia Anna, saberás, tu, o que o faz assim?

ANNA

Coisas da vida... azares. Quem os não tem? Mal com o pai, mal com a mãe, mal consigo mesmo.

ROSA

Amôres! que máus amôres!

ANNA

Cala-te mulher, tem outra lingua. Cada um tem no mundo a sua sina. Lá porque D. Ignez é castelhana... Se é tão boa, como dizem que é, d'onde virá mal que o snr. Infante a faça sua mulher?

ROSA

E, rainha?

BRITES

Uma mancêba?

ANNA

E' a primeira? De mais, tem filhos d'elle... dizem, que lindos.

ALLONSO

Esse é o perigo.

ANNA

De que venham a reinar?

ALLONSO

E' o mêdo do rei e dos senhôres da côrte.

ANNA

O Infante tem um filho da senhora rainha sua mulher, que Deus tem. Era sua mulher, é o herdeiro.

ALLONSO

E... se o matarem ?

ANNA

Quem ?

ALLONSO

Elles... os irmãos d'ella... os amigos de D. Pedro.

ANNA

E, D. Pedro ?

ALLONSO

Levam-no aonde querem, por amôr d'ella, todos o dizem.

ANNA

Ao senhor Infante ?... Tu sabes que elle agarra um toiro pelos córnos, que o volta, o torce e o esta-

tela? Bons córnos teriam todos esses gallegos para que elle lh'os não partisse, ao primeiro arranco da furia... Treme, tu, que Deus Nosso Senhor nos não leve á morte! Lá pelo senhor Infante... descança.

ROSA

Porque dizes, tu, que nos não leve, Nosso Senhõr á morte?

ANNA

A' morte... ou a grandes males.

ALLONSO

Ora adeus.

BRIES

O que sabeis, vós?

ANNA

Alguma coisa má se vai passar.

ROSA

Como o sabeis?

ANNA

Como velha que sou. A terra anda a tremer, ha mezes, agora, logo. Não sabeis o que é? E' a guerra!

Uma estrella de cinco pontas, vermelha... um rabo com uma espada... Não a tendes visto, ha quatro noites, sobre o cimo da serra?... E' a morte!

ALLONSO

A morte... de quem?

ANNA

De um rei, d'uma rainha, de uma pessoa grande. Pobre Infante! pobre Infante! *(sobe)*

ALLONSO

Deixai-a, lá. Se começa a doidejar! *(á creada)*
Olha-me esse espêto.

(Ouvem-se as trompas ao longe. Chegam fidalgos com cães á trella e falcões. Os creados que os seguem tiram-lhe as trompas, as sacolas, que penduram e collocam na meza, lebres, uma raposa, perdições... Ruído de conversas, de ordens...)

1.º FIDALGO *(acariciando uns cães)*

Eh! Bravôr! Eh! Alão! *(ao monteiro)* Olha-me este cão que vem ferido

MONTEIRO

Aonde?

1.º FIDALGO

Ali, na espadua esquerda. Não vês como coxêa?

ALLONSO

Algum porco?

1.º FIDALGO

Qual porco. Dois dias amaldiçoados. Nem porco, nem veado, nem urso. Rasgou-se n'um balsêdo.

2.º FIDALGO

Eh ! Alionso ?

ALLONSO

Meu senhor.

2.º FIDALGO

A fressura dos cães e a moella dos nebrís, estão promptas ?

ALLONSO

Tudo está prompto, senhor.

2.º FIDALGO

Que lh'as deem. Hão-de trazer fome

1.º FIDALGO

Falcoeiro ?

FALCOEIRO

Senhor.

1.º FIDALGO

O falcão de D. Ignez de Castro?

FALCOEIRO

Está aqui, senhor.

1.º FIDALGO

Eh! Coimbra! Eh! Eh! valente! *(festeja-o. O falcão fica imóvel)* E' singular.

2.º FIDALGO

O quê?

1.º FIDALGO .

Este animal sempre tão alegre... ha dois dias n'uma tristeza assim. *(ao falcoeiro)* Tem comido?

FALCOEIRO

Tem... sim meu senhor?

1.º FIDALGO

Bem?

FALCOEIRO

Não muito bem. . emfim...

2.º FIDALGO

Tem-lhe cuidado... Tira-lhe a pióz. . Vê-lhe
o escremento.

ANNA

E a lingua. . perdoai... a lingua.

2.º FIDALGO

A lingua sim .. Filha do falcoeiro...

1.º FIDALGO

Não o descuides. Olha que mais te valia cahires
na cova d'um urso. do que morrer-te esse falcão...

(Ouve-se uma trompa fóra, vão á porta alguns)

VOZES

O infante ; o infante.

1.º FIDALGO

Não é, ainda.

2.º FIDALGO

Ainda não ? Quem é então ?

1.º FIDALGO

São os que seguiam de mais perto o infante...
E' Ayres Peres...

AYRES (*Entrando*)

Quem imagináveis que fôsse ?

1.º FIDALGO

D. Pedro.

AYRES

Ainda não chegou ?

1.º FIDALGO

Como vêis.

AYRES

Partiu adiante de nós... depois da luta... só.

2.º FIDALGO

Da luta ?

AYRES

Se visseis !

1.º FIDALGO

Que inimigo vos sahiu ao caminho ? (*ri*)

AYRES

Rides ? Não ririeis se a tivésseis visto. D. Pedro esteve morto !

2.º FIDÁLGO

E' um romance, troveiro ?

AYRES

Daria um dos mais bellos a quem o soubesse fazer.

1.º FIDALGO

Tu gracejas.

AYRES

Gracejo, senhores ?

1.º FIDALGO

Um combate ? Uma luta ? A sério ?

AYRES

Tinheis partido pelo alto da serra, nós desciamos ao valle. (*pausa*)

A' nossa frente, só, ao longe, passo a passo,

O infante caminhava.

Ia no seu murzêlo, o ar tristissimo e lasso,

Alheio, descuidado,

Quando d'um matagal, d'um silveiral fechado,

Um urso se levanta,

E. investe de tal modo, irado, enfurecido,

Que o cavallo se espanta

E o dardo que o infante, arremessou, de chofre,

Foi-se no ar, perdido.

Empina-se o cavallo, o urso ataca, empina-se

Agil. sobre o murzêllo,
Dobra-se o infante, inclina-se.
As unhas evitando,
Tentando deprender a adaga ou o cutello
Eis senão quando,
O urso alcança a sella,
Arranca-lhe o arção,
Volta-a, e, n'um repente,
Cavallo e cavalleiro
Rebolam pelo chão,
Desamparadamente.

(Pausa)

Então viu-se o infante
Erguer-se em repelão,
Aprumar-se, ficar em toda a sua altura,
Imovel, rijo, firme,
Como se o revestisse
O aço da armadura.
Com fulminante oihar a fera prende e alaga.
Olham-se os dois : O urso,
Em jôgo, acúa um pouco
Mira-o do baixo ao alto,
A medir a distancia a preparar o salto.
Não lhe perde o infante um movimento, um gesto;
Eis quando, de repente,
Rápido como um raio, as sêdas eriçadas,
Os olhos a luzir, as unhas recurvadas,

A sahir-lhe das ventas
Um fumo branco, aos jactos,
A fera se despede,
Rasgando o chão, estilhaçando os matos.

N'um rapido desvio o infante a evita
Fulge, lampeja a adaga...
Uma comprida fita,
Uma vermelha tira
De sangue tinge o urso :
O ferro abrira,
No dorso negro, uma profunda chaga !
Na loucura da dôr, n'um impeto sangrento,
Recurva-se o animal, volta-se e n'um instante
Abeira, alcança, abraça,
E leva abaixo o infante !

Açulámos os cães, gritando quanto mais
A morte era eminente...
Ao chegarmos ao pé,
Fria, placidamente,
Erguia-se Don Pedro.
Limçou á pelle do urso a ponta do bulhão,
Metteu-o na bainha,
Fez uma festa a um cão,
E, sem dizer palavra, estranho se partiu...
Entrou plo matagal,
E, nunca mais, se viu !

1.º FIDALGO

Ha quanto tempo foi ?

AYRES

Ha, já, um bom bocado.

2.º FIDALGO

O urso ?

AYRES

Estava morto... o coração rasgado

ANNA

Se te digo troveiro... que anda coisa no ar !

AYRES

Bruxa deixa-me em paz ; vai dormir, vai fiar

*(ouve-se o galope de um cavallo)*ALLONSO *(indo á porta)*

Um cavalleiro.

1.º FIDALGO

O snr. Infante ?

ALLONSO

Não, senhor. Vem pela estrada de Coimbra...
(*o galope aproxima-se*) Quem quer que é, vem de redea
abatida.

(*vão á porta*)

1.º FIDALGO

E' Fernão de Santarem. Conheço-o pelo Russo.

(*O cavalleiro chega*)

ALLONSO (*Para fóra*)

Recolhei o cavallo. (*Fernão entra*)

1.º FIDALGO

Vinhas fugido aos lóbos ?

FERNÃO

Pela corrida ? (*Olhando receioso*) D. Pedro ?

2.º FIDALGO

Acabamos de chegar da caça... atrazou-se...
não veio ainda.

FERNÃO

Dai-me agua. (*Dão-lh'a, bebe soffrego*). Não veio ainda?
Melhor. Dar-lhe-heis, vós, a nova.

1.º FIDALGO

Que tu trazes ?

FERNÃO

Que eu trago.

2.º FIDALGO

Porque não, tu ?

FERNÃO

Tenho medo de não poder fazel-o.

1.º FIDALGO

Má nova, então ?

FERNÃO

A mais horrivel que já houve na nossa terra !
que jamais chegou aos vossos ouvidos !

2.º FIDALGO

Fazes-nos tremer !

FERNÃO

Tremereis, ainda mais, ao ouvil-a ! *(a Ayres Peres,
afrito) Ayres ?*

AYRES

João.

FERNÃO

Mataram a tua senhora... a nossa !....

AYRES

A minha senhora ?

FERNÃO

A D. Iñez de Castro !

(Pasma, chegam-se todos em roda de Fernão).

AYRES

Quando ?

FERNÃO

Esta noite... passada.

VOZES

Quem ? Quem ?

FERNÃO

Alvaro Vaz, Lopes Pacheco e Pêro Coelho.

ROSA

Virgem Santissima !

BRITES

Mãe de Deus !

ANNA

Nossa Senhora !

(Clamam alto, choram, as mãos ao alto)

VOZES

O' o Infante! ó o senhor Infante!

ANNA

Senhor, misericórdia! Não vol-o dizia eu?

I.º FIDALGO

Como foi, Fernão?

AYRES

Conta, acaba este tormento!

FERNÃO

Hontem, por noite alta, escura... bem escura... chegaram a Santa Clara, elles, o rei e um outro. Alvorçou-se o povo. Apearam-se e entraram em casa de Ignez. D'ahi a pouco ouviu-se um vozear alto seguido como que de supplicas, de chóros. Passado pouco tempo, o rei sahiu de chofre, só. Montou seguido pelos creados e desapareceu na ponte. Então começaram em gritos as donas pelas janellas. Ninguem se atrevia a subir, ninguem subiu. Fez-se um silencio. Os quatro cavalleiros appareceram de novo, cavalgaram, sumiram-se a galope, na noite. Redobraram os gritos de mulheres, de creanças, os

filhos que clamavam pela mãe! Cheguei n'esse momento. Subi rapido. Junto ao oratorio, estava Dona Ignez, cahida no chão, n'uma poça de sangue, mortal! Tinham-na degolado!

VOZES

Degolado!

1.º FIDALGO

Quem o dirá a D. Pedro?

AYRES (*Com convicção e receto*)

Quem lh'o disser, morre!

(*Ouve-se fóra uma trompa*)

FERNÃO

Eil-o! (*terrór*)

ALLONSO (*às creadas*)

Aos vossos misteres.

(*Vão na direção da porta os homens, mas ficam-se*),

Acendei as tochas! (*fazem-no*)

D. PEDRO (*Grave, cabisbaixo, entra*)

Que Deus vos salve.

VOZES (*tímidas*)

Senhor Infante! Meu senhor.

(Os creados apressam-se a tirar-lhe o cutello, a adaga, o barrete, etc.)

ALLONSO

Haveis de querer comer, já, senhor Infante ?

D. PEDRO

Sim.

ALLONSO

Dai agua ás mãos a D. Pedro, môças.

(O Infante lava as mãos, limpa-as, etc.)

AYRES *(Mais ousado)*

Em nada ficaste molesto, senhor Infante ?

D. PEDRO *(Abstrato)*

De quê ?

AYRES

Da queda.

D. PEDRO

Ah ! não !

AYRES

Quasi vos ferra o urso . . . Não vos tocou ?

D. PEDRO

Na manga do gibão... um golpe... apenas.

AYRES

Que susto nos tomou ?

D. PEDRO

Fracos monteadôres.

(Dirige-se para a meza que as creadas servem).

AYRES

Uma cilada, assim !

(O Infante senta-se no topo da meza. Quando vai a comer um bocado de carne repara e vê Fernão de Santarem, que mal se oculta).

D. PEDRO

Fernão, por cá ? Onde estavas, homem, que te não via. Quando chegaste ?

FERNÃO

Ha pouco, sr. Infante.

D. PEDRO

Donde vieste ?

FERNÃO

De Santarem.

D. PEDRO

Por Coimbra ?

FERNÃO (*Perplexo*)...

Por Coimbra.

D. PEDRO

D. Ignez... não a viste ?

FERNÃO

... Vi... Senhor.

D. PEDRO

Que novas me trazes, me manda ela ? (*Fernão silencioso e alterado, olha-o*) Nem me envia dizer... nem me escreve que volte ? (*silencio*) Que te disse, com seus mêdos de sempre ? (*reparando melhor*) Homem, fala. Emudeceste ? (*Então, o infante olha em roda e ao vêr o aspecto de terrôr de todos, ergue-se*) O que é isto ? O que aconteceu aqui ? (*Torna a olhar os*) Ayres !

AYRES

Senhor.

D. PEDRO (*Reolha os circunstantes*)

Que tendes vós no olhar... vós todos... ? (*vai ao Fernão*) Por S. Bartholomeu, falla, homem ! Falla. E' preciso abrir-te as guelas para fallares ? !

FERNÃO (*Cahindo de joelhos*)

Senhor, não me mateis !

D. PEDRO

Que mêdo é esse ? Que fizeste, tu, para que temas
que te mate ?

FERNÃO

Nada, meu senhor.

D. PEDRO

Emparveceste, homem ?

FERNÃO

Antes assim fosse... que não teria de dar-vos a
nova que vos trago !

D. PEDRO

Fazes-me frio na alma. Falla...

FERNÃO (*Aterrado*)

Mataram D. Inez !

D. PEDRO

(Vai a lançar-se sobre elle. Correm todos a D. Pedro. Este porém apruma-se, subito, perplexo, alheio, em estupor. Domina se. Meio allucinado, curva-se, inquire :

Hein ? Repete.

FERNÃO

Mataram D. Inez !

D. PEDRO

De... Castro ?

FERNÃO

De Castro.

D. PEDRO

Quem ?

FERNÃO

Vosso pai, Vaz, Pachêco, Coelho...

D. PEDRO

Quando ?

FERNÃO

Na noite de hontem.

D. PEDRO

E... tu... viste-la... morta ? *(mais pendido sobre Fernão.)*

FERNÃO

... Vi.

D. PEDRO

Mas... morta?... de todo?... Não te viu? não te conheceu? não te ouviu? *(sinal negativo de Fernão.)*
Viste-la com os teus olhos... *(tocando-lh'os¹ com estes olhos?... Morta... morta?)*

FERNÃO

Sim, meu senhor.

D. PEDRO

(Ergue-se do chofre. Leva as mãos ao peito, depois á cabeça, recúa allucinadamente. Todos se affastam. Anda louco na caça:

O meu cavallo! a minha adaga! Eh! cavaleiros, homens de armas do infante! Accrrei! Aqui! *dá um grito, verga-se, cahe, sobre a meza em syncope.)*

AYRES

Senhor, senhor!

VOZES

Senhor infante! Senhor infante. *(Tomam-no, sentam-no.)*

AYRES

Trazei agua.

1.º FIDALGO *(a outro)*

Ide a Coimbra. Trazei um medico.

2.º FIDALGO (*Dando-lhe agua*)

Não quer beber ?

1.º FIDALGO

Não pode.

AYRES

Deixai-o repousar... deixai-o ropousar.

(*Lentamente o infanta começa a mover-se. De olhos fechados, afasta os que o cercam e começa a sorrir, allucinadamente.*)

D. PEDRO

Apanhai, n'esse campo as rozas e as boninas,
Levai-lh'as e beijai-lhe aquellas mãos divinas,
Que teem a côr do leite e cheiram como o nardo.
Que sou eu quem lh'as manda, o Pedro, e que não
tardo!

(*Agita se. Torna a rir*)

Fazei-lhe um ramilhete, enorme, de saudades;
Levai-lh'o : dir-lhe-hão a dôr das soledades,
O desejo de a vêr em que me sinto e ardo...
Que sou eu quem lh'o manda, o Pedro, e que não
tardo!

(*começa a entristecer progressivamente*)

Foi uma vil traição ! uma vileza estrêma !
Não ha, ante tal crime, uma alma que não trema!

(*Chora*)

Um corpo, alvo, de neve, uma cabeça bella,
Como uma flôr beijada, á noite por uma estrella !

Um corpo que pedia, adorações, cortêjos,
 Feito para o amôr, feito só para beijos,
 Rasgado, brutalmente, a ferro d'uma adaga,
 Como um corpo de fera, ahi, n'uma azinhaga,
 Entre ferozes cães !

(soluça, a cabeça entre as mãos. Dolorido:

Que repugnante festa !
 Adeus, canções d'amôr! Adeus, canções de gesta!

(Cae em rapido côma. Levanta-se, o olhar terrivel louco. Olha onde está. Lembra-se. Para se certificar:)

E's, tu, Ayres ?

AYRES

Sou, meu bom Senhor.

D. PEDRO *(aos demais)*

Sois vós, todos ? Reconheço-vos, amigos Amigos
 da minha vida... da minha honra ?

TODOS

Sim, senhor infante.

D. PEDRO

Da minha vingança ?

VOZES

Vossos... para tudo.

D. PEDRO

E's, tu, Fernão ? ! E's tu ! . . .

FERNÃO

Senhor . . .

D. PEDRO

Não sonhei ? ! *(aperta a cabeça nas mãos.)**De subito em colera:*

Hoje, ao amanhecer, mai o sol seja nado,
 O odio dentro d'alma, o pendão desfraldado,
 Como lingua de sangue a vomitar castigos,
 Nós iremos vingar a minha Inez, amigos.
 Nem amor nem vingança existirá igual :
 Não ficará de pè, uma egreja, um cazal,
 Nem choupana onde alguem possa encontrar guarida.
 Ella morreu ! ninguem tem direito á vida !

(Em furia)

Hão-de tremer, o chão, os cêrros, as montanhas,
 Os que viram a luz, os que estão nas entranhas,
 Molles, quentes, das mãis ! Chorarão aterradas,
 As nuvens pelo céu, as pedras das calçadas !

(Alucinado)

A cavallo ! Montai ! fazei suar a terra,
 Ao passardes, levando, a pestè, a fome, a guerra,
 Os flagellos de Deus, sobre o torrão maldito !
 Ide espalhar a voz, ide soltar o grito :
 Pai, mai, seja quem fôr, qual seja o desvairado.

Que perturbou a paz d'aquelle corpo amado,
 Que roube, o antro, a furna, aos animaes bravios,
 Que se embrenhe, qual lôbo, em matagais sombrios,
 Que se enterre, qual raio, ás braças pelo chão,
 Empenharei. a vida, a alma, a salvação,
 Para que o possa haver rasga-lo, e, vê-lo exangue
 Morrer, como um chacal, a afocinhar no sangue!

(Pausa rapida)

Dai-me agua. Ide sellar-me um cavallo, o lazão.

AYRES

Partis?

D. PEDRO

Para Coimbra.

1.º FIDALGO

Iremos todos?

D. PEDRO

Não.

Dai-me a adaga. *(dão-lh'a)*

João, Ayres, e tu, acompanhai-me.

1.º FIDALGO

Tomai alguma coisa antes de ir.

D. PEDRO

Deixai-me.

(Aos fidalgos)

Eu volto, em som de guerra, em dias, entrementes,
Ide correr a Beira e levantai-me as gentes.

(concentrado, funebre)

Meu pai ! meu pai ! alcance-o eu, se o pilho
Ha-de saber o amôr do coração d'um filho !
Elle, o rei, faz de mim um desprezado escravo !
Máu filho, máu irmão, máu pai, e, sempre, bravo !
Peça a Deus que bravura assim, não se desminta,
Quando, ao vêr-me arrancar o punhal da cinta,
Lhe disser : bravo rei, de coração ferino,
Renego-te, de pai : odeio-te, assassino !
Porque, juro-o a Deus, p'la minha salvação,
Se elle a matou, eu mato-o, como se mata um cão !

(comovido andando sempre em aflição)

Pobre da minha Inez ! Que inferno de lembrança...!
Matei-a, eu ! matou-a a minha confiança !
E... ninguém lhe valeu ! Ninguém lhe deu soccôrro !
Que terrôr não passou ! Dai-me ar, dai-me ar que eu
môrro !

*(Abre a gorgeira, Corre á porta do fundo e sahe.
Seguem-no todos.)*

CAHE O PANO

Quadro II

PÉRSOÑAGENS DO QUÁDRÔ II

D. Pedro — *Rei*

Ayres Peres

Simão Froes (o Carrasco)

Alvaro Vaz

Pêro Coelho

Um alcaide

Um meirinho

Affonso Rodrigues

Um clérigo

Helena (alcoviteira)

Dois creados do Paço

Affonso Madeira

Trompeiros, Fidalgos, Populares



QUADRO II

Uma sala do Paço em Santarem. Ao fundo um claustro, com sua arcaria. Bancos, uma meza. A um dos lados janella e ao outro porta. E' de tarde.

(Ayres Peres e Simão Froes entram. Ouve-se ruido na rua.)

AYRES

O que ha ? que barulho é esse ?

SIMÃO (*vendo á janella*)

E' o alcaide e o meirinho que chegam com os presos.

AYRES

Hoje é dia de festa. Duas vezes tribunal... esta manhã... esta tarde.

SIMÃO

O de agora vai ser mais terrivel, ainda.

AYRES

Não chegam esses homens de Castella; a furia do rei cresce com a demora.

SIMÃO

A furia de El-Rei, cresce, sempre. E chegarão ainda hoje?

AYRES

Estão a chegar. Ha mais de quatro horas que sahiram de Almeirim.

(O rei atravessa ao fundo, só, á pressa)

SIMÃO

Olhai o rei! olhai! *(o rei desaparece)*

AYRES

Nem nos viu. Elle descança, lá. Vai acima, ao eirado, a vê se os vê. E' uma ancia louca.

(entra o alcaide)

ALCAIDE

Senhores.

AMBOS

Senhor alcaide.

ALCAIDE

El-Rei, não está, ainda? *(ao Meirinho que o segue)*
Esperai, ahi, com os vossos homens, senhor Meirinho.

El-Rei?

SIMÃO

Não tarda, naturalmente. Anda de vigia á chegada dos senhores Alvaro Vaz e Pêro Coelho. Há quatro horas que sahiram de Almeirim. Deviam ter chegado, já. Veem a pé desde Castella... se não veem de rastos.

(o rei apparece e faz signal a Ayres)

REI

Ayres?

AYRES

Senhor. *(vai a elle)*

REI

Não chegam os malditos! Em vez das mãos algemaram-lhes os pés. *(reparando)* Deus vos guarde, senhor alcaide. Bemvindo. Viestes no melhor dia da minha vida

ALCAIDE

Disseram-me, Senhor...

REI

Sim... é certo... veem ahi. Espero-os, dia a dia, ha um anno, como se espera uma noiva. Por S. Bartholomeu, que os hei-de receber como merecem. Ides vêr.

E não chegam, ainda! *(Falla baixò a Ayres)*

(alto) Vai lá acima ao eirado. Corre a dizer-me se vierem *(Ayres sahe)*

(ao alcaide) Vieram os presos, alcaide?

ALCAIDE

Já, ahi, estão, Senhor.

REI

Fazei-os entrar. Eu volto já. *(sahe pela porta interior)*

ALCAIDE

A vós de ha muito vos conheço, Simão Froes. Mas quem é este homem a quem El-Rei tão bem falla, sempre...

SIMÃO

E' Ayres Peres, o tropeiro.

ALCAIDE

Troveiro? Mas El-Rei não mandou para Castella todos os troveiros...?

SIMÃO

Este era o querido de Dona Inez de Castro. Foi o unico que conservou.

ALCAIDE

E, estima-o?

SIMÃO

E' o seu grande amigo... o unico! Só a elle escuta e attende. Dorme, com elle, no seu quarto, na propria cama.

ALCAIDE

Tanto lhe quer?

SIMÃO

Se era o troveiro de D. Inez! Olhai que El-Rei não tarda um momento. Chamai o meirinho... Será melhor, senhor alcaide.

ALCAIDE

Tendes razão.

(O alcaide faz signal para dentro e entra o meirinho com os presos. O meirinho põe sobre a meza os processos. O rei entra do lado opposto com os fidalgos).

D. PEDRO *(olhando á janella)*

Que ruido é este?

ALCAIDE

E' o povo que vem aos julgamentos.

D. PEDRO

Deixaio-o entrar. *(o povo entra, parte invade a sala, parte s claustro).*

AYRES *(entrando)*

Ainda se não vêem.

D. PEDRO

Ainda não?

AYRES

Deixei lá ficar um escudeiro de vigia.

D. PEDRO

Que me avize, mal venham.

MEIRINHO

Quereis começar, Senhor?

D. PEDRO

Sim, já, não me sobrará o tempo. Rapoza que anda aos grilos engana a fome. Começai lá.

MEIRINHO

(*Fazendo avançar Affonso Rodrigues*) Este é Affonso Rodrigues, do Cartaxo...

REI

Que fez?

MEIRINHO

E' acusado de ter cortado os arcos das aduellas de uma cuba de vinho, ao lavrador Pero Esteves, que de todo o perdeu.

REI

E, não lh'o pagou?

MEIRINHO

Recuzou-se a pagar, ainda que intimado, mais que uma vez.

REI

O que te fez o pobre?

AFFONSO

Alcunhou-me de louco.
Filho de barregã.

REI

Só isso? Inda foi pouco.

E, ergues-te em juiz, com alma de tyrano,
Arrancas-lhe a colheita, o labutar d'um anno!

(colérico)

Abram-lhe o arcabouço e vejam se as costellas
São rijas como o pinho, o páu das aduellas.

(Levam-no. Trazem dois escudeiros)

AYRES

Dois creados do Paço.

(O rei olha-os, reconhece-os, fita-os e faz signal de pergunta)

MEIRINHO *(vendo o processo)*

Mataram um judeu e roubaram-no, os dois.

REI

Pois matem-nos primeiro, e roubem-nos, depois.

(Levam-nos. Trazem um clérigo)

REI

Quem é este?

MEIRINHO

Frei Goes

REI

De onde ?

MEIRINHO

Da Abrigada.

(tendo)

Amancebado com...

REI *(concluindo)*

Uma mulher casada.

E' abbade ou prior ?

MEIRINHO

Diz missa por capellas.

REI

Percebo : Um cão, com cio, em rasto de cadellas.

Devia-te arrancar, eu mesmo, essas orelhas

Pastor de tavolage, infamador de ovelhas,

Semente de luxuria, espalhador de pestes.

Honras, assim, a corôa e o habito que vestes ?

Essa bôca, que reza o santo sacrificio,

Infama as orações, a murmurar o vicio ?

(Subito ao Simão)

Arranca-lhe a cabeça e poi-na ao sol, na eira.

CLERIGO

Degolar-me ! Senhor ?

REI

Enforca-o. Como queira.

CLERIGO

Pertença a Deus...

D. PEDRO

A alma ; a mim pertence a pelle.
Pra elle é que te mando, entende-te com elle.

(Sahe o pãdre. Trazem Helena Mendes)

MEIRINHO *(Jendo)*

Helena Mendes, de quarenta annos, viuva; Artes de alcovitice ; desencaminho de môças donzellas e de casadas...

REI *(ironico)*

Deus te salve, formosa, amôr, senhora minha !
Tendes olhar de sapo, em caça de doninha ?
Attrahís, agarrais, como se fosseis grude,
Com esse ar de santa e modos de virtude ?
Fallais bem ? enredais ? d'outro mister á mingua !
Pois seja, assim, amôr, vão-te arrancar a lingua.

HELENA

Senhor, não é verdade. E' uma infame intriga
De inimigo, Senhor.

REI

Esse qual é, amiga?

HELENA

O meirinho da Cós, um chefe de quadrilha,
Que anda a desinquietar, de ha muito, a minha filha
E como ella o não pode aturar, nem pintado,
Arranjou-me este laço, o desavergonhado.

REI

E' possível, tambem... será... não advinho.
Enforquem-na ; depois, agarrem-me o meirinho.

(Levam Helena. Trazem Affonso Madeira)

MEIRINHO *(lendo)*

Affonso Madeira, pagem e escudeiro vosso, de
vinte e cinco annos. Crime de adulterio com a mu-
lher de Affonso Gonçalves, corregedor da côrte, D.
Catharina Fosse.

(o rei depois de o olhar com espanto, dó e mágua)

REI

E's, tu, Affonso, és tu ! Que negro caso este !
Homem quem te perdeu ! Como é que ensandeceste?

(Comovido)

Um quasi irmão, amigo, acarinhado, querido...
 Como pudeste, tu, insultar-me, esquecido
 D'uma velha amizade em que não tinhas par,
 Sem vêr que, nem a ti, eu posso perdoar !

(em raiva maguada)

Morre, morre, tambem, já que tenho por sorte,
 Que todo o que eu amar ha-de levar-o a morte!

(Sobe afflicto, olhando o claustro)

MADEIRA

Ayres, salva-me, tu ! Pela boa amizade,
 Que, sempre, houve entre nós !

AYRES

Foste amigo, em verdade

(ao rei que desce)

Vais mandal-o matar?... Compadre, eu desejava
 Dizer-te uma palavra.

REI

E, qual?

AYRES

Eu... perdoava !

REI

Perdôa em sendo rei.

AYRES

Lembra-te, tu, compadre...

Foi sempre do teu lado... e d'ella... da comadre.
Podias perdoar... por ella... sem desdoiro...

REI (*comovido*)

Tens arte no pedir, tens uma lingua d'oiro,
Velhaco.

AYRES

Perdoaste?

REI

A vida; o crime, não.

Não pode crime algum ter absolvição.

(ironico ao Madeira)

A tosse é uma doença, arteira. que quebranta
Dá cabo da cabeça e cabo da garganta
E' facil de curar, melhor de prevenir...

(olha-o com odio)

Castrai-o!

MADEIRA

O quê!

REI

Assim, não tornas a tossir.

MADEIRA

Manda-me antes matar, Senhor, tal crueldade...

REI

Ayres pediu que não : cedi, fiz-lhe a vontade.

(vão levando Ayres)

A Justiça é, dos reis, a nobre, unica arma.

UM PAGEM *(correndo)*

Os presos veem a entrar as portas da Atamarma.

REI

Enfim ! e vivi até hoje ! vivi !

Trazei-me pão e vinho e fructas para aqui.

Ayres, chama o Simão, que eu vou vêr da janella,

Um caso singular : dois javalis na trella.

(sae correndo)

(Começa a ouvir-se, fóra, o ruído da multidão. Aproxima-se. Ha gritos. Ouve-se : «Veem ahí» «veem ahí» «lá veem elles» Aparecem garotós, depois a onda popular. No meio apparecem Alvaro Vaz e Péro Coelho, algemados, sem espada, sujós, rôtos, miseraveis.)

AYRES *(ao vêl-os)*

Monteiros, é largar, ha rastos no montado ;

Hoje é caça real : um urso e um veado.

(O rei que se tem visto, a espreital-os, con.o um lóbo, por entre a multidão, n'um salto, fica-lhes ao pé. Rodeia-os, louco, silencioso. Fita-os, examina-os, palpa-os, atravessa-os com o olhar ri sinistramente e de subito, exclama :

FEI

Por São Bartholomeu ! .. Sois vós! Estava escripto,
Que eu teria, na vida, este dia bemdito !
Sois vós ! O Vaz, o Pêro, os cães, os inimigos,
Fugidos por Castella, á justiça, aos castigos,
De um crime sem equal, como nunca se fez,
Os almas de carrasco, os matadores de Inez !
Sois vós ! tenho-vos, eu, vivos, em carne e ôsso,
Posso mandar, torcer, cortar-vos o pescôço,
Ouvir-vos o gemer, os roncros, os lamentos,
Nas rôscas do azorrague, em meio dos tormentos!
Por São Bartholomeu ! pela Virgem Maria !
Este é dia de graça e festa e de alegria !

(Olha o Vaz, Domina-o subita colera, vendo-o. Abeira-se-lhe pondo-lhe as mãos nos hombros)

Tem-te, lobo cervical.

(ao fístico)

Chega, aqui, mestre Gil.

Dize-me : o coração de um assassino vil
Mora do mesmo lado que o de um homem de bem ?
E' aqui ? *(rasga lhe o gibão. O peito apparece)*

GIL

E' ahi.

REI (ao Simão)

Ah! é aqui, tambem.

A punhal, hein? a punhal, vejamos onde móra;
Onde se acoita a féra. Arranca-a cá pra fóra,
Quero vêr, á vontade, ao perto a luz do dia,
Onde vive a traição, o crime, a cobardia.

VAZ

Rei algôz!

REI

Desabafa, ó coração mais terno!
Isto é um pezadêlo; isto aqui é o inferno!
Podes gritar, uivar, cuspir todo o veneno
Da raiva e do terrôr. Ouvir-te-hei serêno;
Depois de te escutar... passar-te-hei recibo,
E mando-te esfolar, como se esfola um chibo.

VAZ

Cobarde e desleal. Um valentão de praça
Que deshonras teu pai, o trôno, a corôa, a raça!

REI

Cobarde sanguinario e vil... o que quizeres.
Valente, tu, infame, a assassinar mulheres!

(põe-lhe a mão nos hombros)

Insulta-me a valer, desoprime-te, berra,
Grita, que tambem eu alvoracei a terra,
A gritar, como um doido, ao uivos e aos berros,
Aos saltos pelo ar, aos saltos pelos cêrros,
E, nem terra nem céu, me deu ouvido terno !
Dormia Deus no céu e o Diabo no inferno !
E, dormem, inda, agora ! A justiça, o algôz,
Sou eu, cá n'esta terra : o que vós fostes, vós !

(Dór funda)

Contra uma pobre dona, amavel, delicada,
O meu segundo Deus, a minha dôce amada,
Ergueram-se, crueis estas mãos homicidas...
E morres d'uma vez ! e, tu, não tens cem vidas !

(cerca-o e mira-o ferôz)

Posso inda tolerar-te a voz no meu ouvido !
Vêr-te a cara, o olhar ! Vêr-te, viver, bandido !
A justiça a chorar ! Acóde cá, Simão,
Preciso de cuspir-lhe o negro coração,
E, já ! Manda-o abrir como um pôrco damnado,
Abrir e desfazer, bocado por bocado,
E queimal-os depois !

VAZ

Rei ferôz ! Rei demente !

(Cercam-se os esbirros)

REI *(Fazendo signal que o levem)*

Adeus, homem, leal, amigo.

(ao sahir Vaç)

Adeus, valente!

REI

Vai á mesa, esburga com os dentes, um osso).

Compadre, dá-me vinho... Ajuda mais...

AYRES *(dando-lh'o)*

Mas vêde...

REI

A justiça faz fome e a vigança sêde!

(Bebe aos tragos, limpa-se mal a uma toalha que lhe offerecem. Felinamente, vai ao Pero Coelho).

REI *(Tomando-lhe a cabeça)*

Agora, tu, poltrão. Conheces-me?

COELHO

Conheço.

REI

Por quanto te comprou meu pai? Diz lá: que preço?

COELHO

Vosso pai pra ser rei não precisou de ajudas.

REI

Teve a tua, traidor, alma damnada, Judas !

(Pausa, amargamente)

Como não tenho, aqui, uma figueira, á mão,
Hei-de-te pendurar na adaga do Simão.

COELHO

Conheço essa justiça.

REI

Ainda bem Coelho

Esqueceste-la, de mais, ha tempos, no conselho.

COELHO

Nunca vos receei, nem hoje.

REI

E' bem possivel ;

(comico)

Um coelho foi, sempre, um animal terrivel.

(gargalha, sobe e desce)

Devias não esquecer que me paga quem peca.
O meu galgo apanhou-te, ao longe, na charneca ?
Andavas a pastar com os da tua egualha ?
Que tal é, em Castella, a grama e a serralha ?

COELHO *(attivo)*

Gracejais como um bôbo, estúpido e insolente.

REI

Não gracejo, vê lá : *(leva um dedo à boca)*

não cabiu nenhum dente.

Pôz-me bem, alegrou-me a tua amavel vinda :

Recebo-te galante e tu zangas-te, ainda ?

(abeirando-o, terrivel, cara a cara)

Vilão, eu saboreio a hora santa, querida,

Do meu negro viver, da minha negra vida !

Quero ter-te, a viver, na hora da vingança,

Sem ninguem te valer, sem remedio, sem esperança,

Aqui, ao pé de mim, senhor da tua sorte,

(exemplifica com as mãos)

A vida n'esta mão. . . e n'esta mão a morte !

Quero vêr-te, no olhar, a luz espavorida.

Do medo de morrer a apunhalar-te a vida !

Vêr-te, tremer, torcer, quando o terrôr te entre,

Como um urso sentindo a áscuma no ventre !

Não gracejo, já vês ; a lingua é d'esta arte :

Martello, prégio, cruz. . . estou a crucificar-te !

(Sobe. Ao fundo, ruido do povo. Vê-se erguerem-se as chammas da fogueira. Desce, horrivelmente, meigo)

Coelho, conta lá, como foi a aventura

D'essa noite cruel, d'aquela noite escura !

Foi meu pai que o mandou ? Entraste de roldão ?

Ella estava na camara, ou estava no salão ?

Quem lhe leu a sentença ? O que fez ao ouvil-a ?
Aterrada cahiu ? Qual o primeiro a feril-a ?

(à roda d'elle)

Orava, ou trabalhava, em paz, ao pé dos filhos ?
Lôbos, o que fez ella ao vêr-vos os colmilhos ?
Tinha o terrôr na cara ? Os olhos desvairados ?
Os peitos a saltar ? Os filhos abraçados ?
Callou-se ou começou, em gritos estridentes,
A pedir, a bradar... ?

COELHO

Não vi.

REI

Judeu, tu mentes !

(ironico)

Conta-me como foi, sincera, lealmente,
E, mando-te matar mais carinhosamente.
Poupa-me e ao Simão canceiras e trabalhos ;
Falla... morres de môlho, em tacho, em vinha d'alhos!

COELHO

Um chocarreiro, rei, sem graça e sem engenho.
Ha miseria maior !

REI

O odio que te tenho,
Odio pra que não ha vingança que o apague.

(fita do-o n'um impeto)

Vou desfazer-te a cara a golpes de azorrague:

(arranca o do cinto)

SIMÃO

(entra com o coração de A. Vaz n'um prato)

Senhor, o coração de Alvaro Vaz.

REI *(indica a meza)*

Espera.

Aqui, na meze... enquanto eu domestico a féra.

(desce ao Coelho)

Não. Tira-m'o da vista; amanha-m'o em postas.

O coração, a este, arranca-o pelas costas.

(cercam-no e vão-no levando)

COELHO

Maldito sejas, tu, e morras sem ninguém

Por ti rezar na terra!

REI *(curvando-se ironico)*

Amem! Amem! Amem!

(Sai o Coelho. O rei vai à meza. Ao coração :)

Por S. Bartholomeu! pelas chagas de Christo!

O coração feroz de um porco bravo é isto!

(meche-o com a ponta do punhal)

D'esta bolsa de fel, d'este sacco de pêz
Sahiu a voz da morte á minha pobre Inez.

(atravessa-o com o punhal)

Deus, que os homens transforma em animaes ferinos,
Põe um só coração, um só ! nos assassinos !

(senta-se e bebe)

AYRES

Inda está a mecher, compadre, inda tem gana.

REI *(rindo)*

Parece um sapo negro a espernear na cana !

(Vindo do claustro, Simão apparece com o outro coração)

AYRES *(vendo-o)*

O outro.

REI *(levantando se)*

Dá-m'o, cá. Este é o do onzeneiro
Que mais d'alma odiei, do coração, inteiro.
Pôço de ingratição... Enlouquece o regalo
De podel-o morder, e, de vêr, se ao trincal-o,
Posso levar ao meu, no sangue que despede,
Um pouco de descanço, á raiva, á fome, á sêde !

(trinca-o, uma, duas vezes)

Doi-se, ainda o vilão... inchou... cresceu-lhe o papo!
Asqueroso animal... lacráu, vibora, sapo!

(trinca-o de novo, arremessa-o ao chão)

Queimai-o. *(indica o outro)*

Com aquelle, o companheiro terno.
Vão juntos para o ar, vão juntos pró inferno!

(sobe : aos da fogueira)

Chegai lenha, atiçai. Ardem?

AYRES

Como cortiça.

REI *(desce, feroz e alegre)*

Deus manda, muita vez, sobre a terra, a Justiça.

(vai á mesa, come e bebe)

Rasgou-se da minh'alma o negro e denso véu!
A minha pobre Inez deve sorrir no céu!

(ao Ayres)

As trompas? Vou dançar.

AYRES *(sahindo)*

Ainda não descança.

REI *(Sobe ao claustro)*

Depois da caça o pasto ; após o pasto a dança !

(Chegam os trompeiros. O rei faz-lhes signal, tocam. D. Pedro, allucinado, sorridente, como n'um extase, desce, dançando).

FINAL

Quadro III

PERSONAGENS DO QUADRO III

D. Pedro
Bispo do Porto
Bispo de Lisboa
Bispo de Vizeu
Bispo da Guarda
Ayres Peres
Simão Peres
D. Abbade de Alcobaça
O Conde de Barcellos
Estevam Lobato

Frades, fidalgos, damas, populares, pagens.



QUADRO III

A nave central do Convento de Alcobaça. Uma ampla tapeçaria cahe, ao fundo, occultando o cruzeiro e a capella-mór. Escabellos; uma meza.

(Em scena, fidalgos, frades, bispos, etc.)

BISPO DO PORTO

Acabais de chegar de Lisboa?

BISPO DE LISBOA

Agora mesmo.

BISPO DO PORTO

Pena foi que não chegasseis ao cortejo.

BISPO DE LISBOA

Grandioso?!

DISPO DO PORTO

Nunca se viu coisa igual. Nas quasi vinte leguas, de Coimbra até aqui, a noite fez-se dia. Os montes, os valles, ensanguentaram-se á luz de milhares de brandões. Fugiam das arvores as aves assustadas. As fêras acolhiam-se aos antros, no terrôr de um dia inesperado. Desmaiaram, no céu, as estrellas. Ao ruido dos canticos a terra inteira parecia soluçar! Chorava o céu, choravam os montes, choravam as arvores! Sobre o cortejo enorme, os ventos, acompanhando os côros sagrados e os gemidos do povo, pareciam entoar o *dies irae* do juizo final! Assombroso cortejo e assombroso rei!

BISPO DE LISBOA

Como o seu amôr, desigualavel, louco! O que significa aquella ampla cortina, vedando a capella-mór?

BISPO DO PORTO

Ninguem o sabe. Mal chegámos, feitos os officios, a igreja ficou deserta. Ao chegarmos, agora, pela ordem do Rei, para conduzirmos o cadaver ao tumulo, a ninguem fôï permittido sahir, d'aqui, da nave.

BISPO DE LISBOA

De sorte que a ampla tapeçaria occulta...

BISPO DO PORTO

Um misterio.

BISPO DE LISBOA

Rei e trovadôr...

(Sobem)

AYRES

(descendo, ao Simão, gracejando)

Tu não tens que fazer, aqui. ave da morte!

SIMÃO

Talvez tenha.

AYRES

Não tens. Hoje, nao estás com sorte.

SIMÃO

Se o falcão retezar as azas poderosas....

AYRES

Isto é caça do chão : ou lebres ou rapôzas,

Rapôzas velhas ; vê este bispo gôrdo :

Que papo !

SIMÃO

E' dos jejuns.

AYRES

Um estorninho.

SIMÃO

Um tordo .

Quem t'ó dera no cêpo !

SIMÃO

A mim ? E'-me indiferente...

AYRES

Tu tens um coração, de pomba, de inocente.

SIMÃO

Não tenho escolha alguma .. um grande, um velho,
um moço,

No cêpo, é tudo igual.

AYRES

O que é tudo ?

SIMÃO

Um pescôço.

AYRES

Em todo o caso, espero, um dia, na desgraça,
Dever-te um bello golpe, um unico.

SIMÃO

Tens graça.

AYRES

Quem sabe o que ha-de vir? Repara, tu, Simão,
Um homem quando nasce, quer elle queira ou não,
Traz ao pescoço a signa e e'la ha-de ser seguida;
Podes barafustar, como quizeres, na vida,
Saltar, pinchar, urrar, a marca que D us pôz
E' que se ha-de cumprir: eu jogral, tu algoz.
Amanhã, o Senhor faz, no céu, um signal,
Eu mudo-me em algoz, tu passas a jogral.

(Indicando)

O bispo de Vizeu, o do Porto, outro igual,
Um lóbo, d'antes; hoje? um cordeiro pascal!
Queriam mal ao infante...

SIMÃO

A D. Inez...

AYRES

Peior.

Hoje, o seu grande rei? El-Rei, Nosso Senhor!

SIMÃO

Fallai no máu.

(D. Pedro apparece por um lado da tapeçaria. Vão a elle o bispo da Guarda e Estevam Lobato e o D. abbade de Alcobaga. O rei traz na mão um cofre gothico, que põe sobre a meza).

VOZES

El-Rei. El-Rei.

REI

Senhores.

VOZES

Silencio.

D. ABBADE

Se me permittis, Senhor...

REI

Que quereis D. abbade?

D. ABBADE

(Descenrolando de dentro d'um panno de seda uma corôa d'ouro).

Mestre Vicente acaba de chegar com a corôa.

REI

Quanto lh'ô agradeço... é linda. Ide pôr-lh'a, na cabeça.

BISPO DE LISBOA *(ao do Porto)*

De quem ?

BISPO DO PORTO

De D. Inez ?

BISPO DE LISBOA

No caixão ?

BISPO DO PORTO

Que estranho acto !

REI

Esperai, D. Abbade *(Abre a cofre que trazia na mão)*
Estas são as joias que D. Inez usou em vida. Como
nenhum corpo, a não ser o de Deus, merece o seu
adorno, eu vol-as dou. Mandai ornar com ellas a
custodia d'esta egreja ou o melhor calice que tiver-
des, ou mandai fazer um novo, onde se cravem.

D. ABBADE

Deus, receberá, Senhor, com o maior jubilo a
offerta do vosso bom coração.

REI

Ide, abbade, ide.

*(O D. Abbade sahe. O rei sohe o degrau da meza. Grave.
az-se um grande silencio).*

REI

Senhores. Vai ser conduzido ao seu tumulo, o corpo de D. Inez de Castro. Mas, primeiro, é preciso que mórta de uma vez, uma duvida, que está em muitos corações e que mancha a sua sagrada memoria.

Vão lêr-vos os documentos que provam que ella foi minha mulher, vossa rainha hoje, e que são, portanto, naturaes e legitimos, os filhos, meus e d'ella, D. Diniz, D. João e D. Beatriz, que ainda vivem, mercê de Deus. As causas, o dever do occultamento, o tempo do segredo, passou.

O dia da revelação chegou e este é Eu o escolhi. Simão Lobato?

LOBATO

Senhor.

REI

Como testemunha do facto que vai lêr-se, emprazo-te, aqui, na casa de Deus, deante do seu altar, a dizeres se a elle assististe como é escripto e o assignaste como verdade.

LOBATO

Assim é, Senhor.

REI

Jurai-o.

LOBATO

Juro-o.

REI *(ao bispo da Guarda)*

D. Bispo. O que se diz no instrumento que vai lêr o meu mordômo mór, D. João Affonso Tello, conde de Barcellos, fez-se, na presença de Deus, por vosso officio?

O BISPO DA GUARDA

Por Deus o juro.

REI

Conde, lêde... Que chegue aos ouvidos de todos. . os mais duros... mesmo aos que não queiram ouvir.

BARCELLOS

(Lê) «No primeiro dia do mez de janeiro da era de mil trezentos e cincoenta e trez. Saibam todos os que este instrumento lerem ou ouvirem que: n'este dia achando-se na cidade de Bragança, o infante D. Pedro, filho de D. Affonso rei de Portugal e estando com elle D. Inez de Castro, filha de D. Pedro de Castro adeantado-mór de El-Rei de Cas-

tella, fez o mesmo infante chamar o Deão da Guarda á sua Camara, e ahi na presença de Estevam Lobato e de Alvaro Peres seus escudeiros, mandou que o dito Deão o cazasse e recebeu a dita D. Inez de Castro por sua mulher lidima, por palavras de presente, como manda a egreja. E, ella assim, o recebeu a elle».

(Fallando)

Como fôsse vivo el-rei seu pai, não fez o então infante e hoje D. Pedro I nosso rei e senhor, constar o casamento. Mas toda esta verdade elle está prompto a jurar sobre os santos evangelhos, assim como se acha no instrumento escripto por Gonçalo Peres, que acabastes de ouvir.

REI

Assim o juro.

BARGELIOS

E, porque é da vontade de El-Rei, Nosso Senhor, que para todos acabe a duvida que podia renascer, elle me mandou que vol-o notificasse para que de todos seja claramente sabida a verdade, d'hoje, para sempre.

REI

Assim é. Lêde a dispensa, de Roma.

BARCELLOS

Sendo D. Inez de Castro sobrinha de El-Rei Nosso Senhor e muitos poderão objectar que tal casamento não era nem licito, nem válido sem a necessaria dispensa de Roma, sabereis que a teve El-Rei, antes do casamento. Eu vol-a leio.

(Lé) «João, bispo, servo dos servos de Deus. Ao muito amado infante D. Pedro de Portugal, filho do muito amado nosso, Affonso IV, rei de Portugal o do Algarve, saude e benção apostolica.

Se os rigores dos santos canones prohibem e ajuntamento matrimonial entre os que são ligados por parentesco, pelo respeito devido á honestidade publica, aquelle que é bispo de Roma, de absoluto poder, dispensado por Deus, pode exercer sua graça especial sobre tal rigor.

Nós, demovidos de favor especial pela tua pessoa, querendo condescender com as preces tuas e do teu pai, para cazares com qualquer mulher nobre, com quem possas ter parentesco, ainda que só por linhas collaterais, ou por cunhadia no quarto grau, vos concedemos a permissão de vos cazardes se assim vos approuver. E, com a nossa apostolica auctoridade decretamos, que a geração que de vós ambos nascer seja legitima e sem nenhum impedimento.

Que nenhum homem se levante contra esta nossa dispensa, ou sendo revoltado incorra na ira de Deus todo poderoso, dos Bem aventurados S. Pedro e S. Paulo, apóstolos.

Dada em Avinhão ao decimo dia das Kalendas de Março, do nono anno do nosso pontificado.»

JOÃO XXII

REI

Haveis ouvido ?

Essa que conduzistes... que veio entre chóros e lagrimas de Coimbra até este mosteiro de Alcobaca... essa que alguns de vós não crêram, ou não quiseram acceitar como minha mulher .. de ha muito o foi.

Não pude, em vida, sental-a ao meu lado, no throno que lhe pertencia, envolvel-a no manto de rainha, pôr-lhe na cabeça divina, a corôa d'este reino.

Fal-o hei, na morte !

Antes de encerrar o seu corpo amado, para sempre, no seu tumulo frio, quero pagar-lhe a divida que santificou o seu amor e o seu martyrio. Quero dar-lhe a ultima prova de respeito e de veneração profunda.

E, comigo, o fareis, vós, todos. Nobres de Portugal, bispos, senhores, eis a vossa rainha.

REI

(Soam as trombetas. Corre a cortina. Inez apparece, sentada em alla cadeira de espalhar, manto de sêda e corôa de oiro. Cercam-na as damas como se fôra viva; os frades com tochas azezas. Turiferarios agitam os thuribulos, incensando. Com o orgão, o côro entôa a antifona: Domine salvum fac reginam.)

REI *(allucinado, em enlévo supremo)*

Eil-a! Vêde como é ainda bella! Ainda
Nenhuma tão formosa e senhoril! Que linda!
O seu cabello vasto é qual estriga de milho,
Da côr do oiro velho... a mesma luz e brilho!

(Cerca a)

Reparai que atravez das palpebras, taful,
Parece inda ameigar o seu olhar azul.
Nos beiços donde sahe um soluço de agravo,
Inda se vê a côr, a desmaiar, de um cravo!

(Mais perto)

Collo de garça, altar que a morte aos beijos furta,
Lembra a flôr do espinhiro, é como a flôr da murta
E' de marfim a testa, os peitos de marfim....
Deus não teve na terra, um throno, um altar assim!

(Junto)

Vêde esta mão de sêda, este pé, este encanto,
Assustado, a espreitar, sob a fimbria do manto!

Permitti-me, Senhora; a graça de beijal-o.
Como preito final do mais fiel vasssalo ! *(beija-o)*

(Pausa)

A minha linda Inez ! Ainda bella, ainda
Nenhuma tão formosa e senhoril ! Que linda !

(Grave e terrivel)

Esta a minha Senhora e vossa ! A malfadada
A quem matou um crime : o ser por mim amada !
Esta a quem arrancaste os direitos reais
Alguns dos que me ouvis, alguns que me escutais.

(Colerico)

Que um ouse, um só, negar-lhe a adoração devida
E arranco-lhe, a chicote, a pelle, a carne, a vida !
Joelhai ! Rastejai assim como um vinhêdo ;
As cabeças no chão, as faces no lagêdo,
As barbas a varrer na humilhação do dó,
Os degraus do seu throno, a terra, o lixo, o pó !

(Olhando-os)

Assim, assim.

(Curvando-se)

Mais baixo. Ainda mais. Ainda !
Repara, minha Ignez, repara, minha linda,
Nunca rainha viva encontrou mesureiros,
Como os teus cortezãos.

(Com desprezo)

Que trella de rafeiros !
Levantai-vos, limpai essas barbas immundas ;
Se de borco ficaes, ficaes, todos, corcundas !

(Erguem-se)

Jámais duvidarei do vosso amôr e fé.

(Ironico)

Sois leaes, a valer. Ide beijar-lhe o pé.

(Ao D. abbade)

Pertence-vos, abbade, o primeiro logar.

D. ABBADE *(Indo beijar)*

Dá-me, Deus, meu Senhor, graça particular.

REI

Dom bispo de Vizeu... a vossa vez... se quereis...

BISPO DE VIZEU

Obedeço, Senhor...

REI

Não me obedecereis.
Ireis de motu proprio e de propria vontade,
Como é vosso dever.

BISPO DE VIZEU

Assim vou, de verdade.
Pra que nem vós, Senhor, nem ninguém o duvide,
Pelo nome de Deus, o jurarei.

REI

Bem. Ide.

(Ao bispo da Guarda)

A tua vez, D. Gil, a tua vez, meu velho.
O teu beijo será como o que ao evangelho
Tu dás, no teu missal, á missa.

BISPO DA GUARDA

Beijarei,
De todo o coração, de dentro d'alma.

REI

Sei.

(A um fidalgo)

Tu, Dom Mendo da Guarda, a tua vez, agora.

O FIDALGO

Com prazer o farei...

AYRES

Sabe, Deus, como

REI

Ha-de beijar.

Embora.

AYRES (*vendo*)

Beijou.

REI (*a varios*)

Alcaide de Faria

Alcaide de Thomar, Senhor da Riba Fria...

(Sobem a beijar)

AYRES

Que de gente ! o cruzeiro é cheio como um ovo.

REI

E' bastante por vós ! Deixai beijar o povo.

(O rei desce. Os bispos e os nob. es occultam o beija-mão popular, que pelos movimentos se adivinha).

Escrivão, escreverás — que o saiba todo o mundo !
 Que, um dia, um pobre rei, prezo d'amor profundo,
 D'esse amor ante o qual morre o poder da terra,
 Entre odios e paixões, chegou á luta, á guerra,
 Contra o pai, contra a mãe, jogando a propria vida,
 Pra collocar no throno a sua dama querida !
 E, que, como por fim, até Deus — o mais forte —
 Lh'a arrancasse cruel, zombou da propria morte,

Fazendo reviver a misera, a mesquinha,
Em toda a magestade e graça de rainha !.

(Pausa. Olha o beija mão ao fundo)
(Energico e orgulhoso)

Escrivão, escreverás : que n'esse grande dia,
Todo o que n'esta terra ostenta fidalguia
E fóros e poder, tremeu deante d'ella !
Que, aqui, no frio ar d'esta fria capella,
O seu cadaver branco e pállido e sombrio,
Os corpos regelou n'um rude calefrio ;
E tremeram de medo, os servos, os levitas,
Os grandes, os peões, os baculos e as mitras !

(Commovido)

E, escreverás, por fim, que o pobre rei Dom Pedro,
Negro no coração, nas vestes, todo negro,
Teve na escuridão de uma saudade fera,
Um céu de madrugada ! um ar de primavera !

(O rei cala-se. O beija-mão acaba)

Agora, sim, morreu ! Agora, tudo é feito.
Vamos leval-a, abbade, ao seu ultimo leito,
Pra que repouse, emfim, envolto no seu manto.
Aquelle corpo d'oiro ! aquelle corpo santo !

(O cortejo organisa-se rapido. O abbade á frente. Com o orgão os frades entoam a antifona : In paradisum deducant te angeli, caminhando. O pano desce).

FIM DO III QUADRO

Quadro IV

PERSONAGENS DO QUADRO IV

D. Pedro

Ayres

Alvaro Vaz }
Pero Coelho } em espectros

D. Abbade de Alcobaga.

Frades



QUADRO IV

A capella dos tumulos de D. Pedro e D. Inez em
Alcobaça

Ao levantar do pano, os frades entoam a antifona;
(*Ego sum ressurectio...*)

O D. Abade incensa o tumulo. Acabando diz :

D. ABBADE

Orêmus : (*té*)

Fac quæsumus, Domine, hanc cum famula tua
defuncta misericordiam, ut factorum suorum in pœ-
nis non recipiat vicem, quæ tua in votis tenuit vo-
luntatem : ut sicut hic eam vera fides junxit fidelium
turmis ; ita illic eam tua miseratio sóciet angelicis
choris. Per Christum Dominum nostrum.

CÔRO

Amen.

ABBADE

Requiem eternam dona ei, Domine

CÔRO

Et lux perpetua luceat ei.

ABBADE

Requiescat in pace.

CÔRO

Amen.

ABBADE

Anima ejus, et animae omnium fidelium defunctorum por misericordiam Dei requiescat in pace.

CÔRO

Amen.

D. PEDRO

(No degrau interior do mausoléu de Inez)

No seu frio túmulo, dorme, emfim, descança para sempre, o corpo amado da desventurada que foi vossa rainha! Quanto o poder humano pode fazer em honra e veneração d'alguem, eu o fiz. Quanto a amei em vida, a amei e amo, em morta! Na sua cabeça querida, eu assentei a corôa que lhe negou a inveja,

a ingratidão e o crime! Para o seu corpo amado, fiz construir o cofre que a encerra. Elle a tem, elle a guardará, pelos seculos fóra, até ao fim do mundo! A seu lado, alli, (*indica o lugar*) eu virei repousar, esperando, na ressurreição final, o dia em que, de novo, a possa vêr, na gloria e na alegria das eras sem fim! Assim o espero em Deus, na sua eterna justiça e infinita misericordia! Pede-me o coração que a não deixe, na noite em que a vi pela ultima vez, sem um longo adeus, final, entre orações e lagrimas! Ide vós repousar. Agradeço-vos de dentro da alma a vossa piedade e as vossas orações. Deixai-me, só!

(Saem todos. Anda em roda, da capella do tumulo. Vê que está bem só. Sôbe ao degrau posterior. Olha o corpo de marmore, comovido.)

Agora sim, amôr, agora sim, Inez,
 Não te verei jámais! Morreste d'uma vez!
 Dorme, dorme tranquilla... Amôr não tenhas mêdo,
 E' santo este logar. Dorme, n'esse segrêdo
 Que gêla o coração, n'um frio desconforme.
 Dorme, garça real, meu lyrio branco, dorme!

(caricioso)

Nunca te deixarei. Muita vez, muita vez,
 Hei-de vir conversar-te e namorar-te Inez.
 Fallar-te-hei de mim, da Terra, das estrellas,
 — Menos bellas que tu, oh! muito menos bellas —,

Dos javalis que mate, á lançada. ou ao dardo,
 Das prezas que fizer o teu falcão, galhardo...
 Tudo te contarei... E, como, na caçada,
 Não te vendo chegar, airosa, na montada,
 Meu pobre coração comece a desvairar
 E, eu vá, sem ninguem vêr, entre o mato, chorar !
 Tudo te contarei: as horas e os dias;
 De teus filhos a dôr; mais tarde, as alegrias
 Da sua mocidade. E, tu, has-de escutar-me,
 Sentir-te muito bem, e, se puderes, fallar-me.

(Debruça-se sobre o corpo, chorando, convulso).

AYRES *(entrando tímido).*

Compadre?... Meu senhor?

REI *(ouvindo o e vendo-o).*

A que é que vens, amigo?

AYRES

Compadre...

REI

O que has-de querer?

AYRES

Vinha chorar contigo

REI

Agradeço-te a ideia. E's muito bom, compadre;
Mas aqui, n'este altar, só officia um padre,
Sou eu... Tambem a amaste?

AYRES

A ella? Que pergunta!
Trato tão senhoril, tanta bondade junta!
De tão dôce fallar, de perfeição tão rara,
Quem pôde um dia vê-la e vendo-o a não amára!

REI

Joelha-te ao sopé, faze a tua oração,
Depois, deixa-me só.

AYRES

Permitte-me o ficar,
Em qualquer canto, ahi, para te acompanhar,
Velando, junto a ti, minha senhõra e ama.

REI

E' a primeira vez que dorme n'esta cama.
Leito de noiva, vê, de linho, rendilhado...
E' a primeira noite... E' noite de noivado!

AYRES (*vendo*)

Que linda a arca!

REI

E'. A pedra afeiçãoou-se...

AYRES

E' branca como a cêra.

REI

E, a trabalhar, é dôce.

(Entevado)

Assim foi que, com arte e carinhoso arranjo,
Se fez um mausoléu que apetercera...

AYRES

Um anjo.

(O rei tem um ar contente. O Ayres, notando-o:)

Compadre, melhorou o teu aspecto agora:
O teu olhar não tem a luz cruel d'outrora,
E' mais dôce, melhor. Quem fez essa mudança?
Foi São Bartholomeu, foi Deus...

REI

Foi a vingança!

Homem apunhalado em seu amôr bemdito,
Vive no desejar, na ancia de um maldito!
E' como viver, só. no poço d'um castello,
Vêr pla lucarna, á noite, esguer-se o sete-estrello,
Sete pontas de luz, sete pontas de açoite...

Sobe, desaparece, e volta o negro, a noite !
Fecha-se o coração a todo o interesse humano ;
A vida tem um fim, o pensamento um plano.
Um só ! Surge a vingança ! e tudo se illumina ;
Não vem de todo a paz, emfim. melhora a sina !
Deixa-me... vai dormir.

AYRES

Queria rezar, agora.

REI

Rezarás, amanhã, vae alongada a hora.

AYRES

Ficarei de atalaia.

REI

Aonde ?

AYRES

Aqui...

REI

Lá fóra.

AYRES

Lá fóra ! para o frio ? e só ? Vou-me vingar.

REI

O que vaes, tu, fazer ?

AYRES

Verás. (*Sahe ao signal do rei.*)

REI (*So*)

Vou-me deitar.

(*Ajoelha no degráu*)

Senhor, cujo poder domina nos espaços,
 Já que te aprouve, um dia, arrancal-a e meus braços,
 E dar-lhe o somno eterno, aqui na tua egréja,
 Acordado, a dormir, faze que sempre a veja.
 Minora, na saudade, a minha negra sina,
 Pelo amôr que te teve a tua mãi divina.

(*Deita a capa sobre o degráu do tumulo. Tira a espada,
 que põe ao lado, senta-se, reclina-se. Ouve-se fóra um bandolim.
 O rei attende*),

AYRES (*Canta fóra*)

Indo eu por hi abaixo,
 A saber dos meus amôres,
 Encontrei um laranjal
 Carregadinho de flôres !

REI

O Ayres... A canção que ella amava !

AYRES

O rei estava na varandã
 E a rainha no quintal :

Atiravam um ao outro,
Com pedrinhas de crystal.

REI

Linda... a canção

AYRES *(canta)*

Poz-se a noite; o rei desceu,
E, viu-se á luz do luar :
N'um banco, o rei e a rainha
Que se estavam a abraçar.

REI

Era assim... Era assim...

AYRES

Depois foram para a camara
E um rouxinol, a cantar,
Contava os beijos que ouvia,
A' branca luz do luar.

REI *(Adormecendo)*

Era assim... era assim... que saudade!

(De repente, um luar fósco invade um lado da capela e a figura espectral de Péro Coelho apparece, a meia altura da parede)

PERO COELHO

Acorda, algôz ! De pé ! Tu não podes dormir !

REI (*Acordando*)

Pêro Coeijo ! E's tu, sombra amaldiçoada, .
Sem cova, sem descanso, a andar ? Alma penada,
Nem o inferno te quer ? Nem os bichos te comem ?
Em janeiro... de noite... andas ás gatas homem ?

(*Pausa; fixando-o bem*)

Julgaste que eu tremi, ao ver-te vir, ladino,
Na sombra a deslisar, como um espectro? Assassino!
Acorrentou-te Deus ás penas do profundo ?
A justiça de Deus confirma a d'este mundo,
Ergue o vil do coval para que as infamias pague ?
Deus é tal como eu ? traz á cinta o azorrague,
Nobre como um leão, altivo como um cedro ?
E' justo que, no céu, haja tambem um Pedro.

(*Ironico, gargalhando*)

Terá elle um amôr ? Terá elle uma amante
Que vá perder o céu ? Apunhala-a, tratante !
Talvez que elle te mande á Terra, e, entrementes,
Eu tinha-te outra vêz, o coração nos dentes !

PERO COELHO

A' justiça do Céu, a essa não te eximes :
Has-de pagar, rei vil, os teus infames crimes.

REI (*Rindo*)

Pois não hei-de pagar ? Trazes, tu a balança
Do archanjo. São Miguel ? Pois louvo-te a lembrança:

Peza o crime e o castigo e verás a justiça :

(Simulando a oscilação dos pratos)

O teu prato é de ferro, o meu é de cortiça.

(fixando-o)

Como podes andar, sem coração, sendeiro !

Fallas ! tu a fallar; mas, tu, és um pandeiro,

Que ronca com um dêdo e tosse com sôcco,

Que tem a vóz na pelle e que, por dentro, é ôcco !

(Gargalhando)

Pelle ! nem essa tens ; ou compraste uma nova ?

Que a outra nem um osso acompanhou á cóva.

Quem te mandou cá vir, como um juiz, sabujo ?

Foi o teu novo senhor, teu dono, o porco sujo

Que te vestiu de branco, á luz das Tres Marias,

Pra me vires zurrar as tuas profecias ?

PERO COELHO

A morte ha-de abater-te o louco orgulho, algoz

Quando a morte vier...

VAZ *(Apparecendo em espectro)*

Tu virás para nós !

REI

Olhai, o companheiro ! Andais acorrentados,

Parelha de sandeus, parelha de cevados,

A archar, pela noite, ao escuro, pelos órcos,

Como lóbos a uivar, grunhindo como pórcos ? !

(Batendo no tumulto)

Inez, tu não os vês? os miseráveis cegos,
 Como sombras a andar, á laia de morcegos?
 Tu não os vês, Inez? Abre os olhos divinos,
 São elles, os villões, são os teus assassinos!

(Colera)

Mas que quereis, afinal, sombras abomináveis?
 Despertar-me o remorso, o mêdo? miseráveis!
 Fóra d'este logar, de paz e de repouso,
 O meu receio é nôjo, o meu remorso é gôzo!
 Por S. Bartholomeu, meu guia e meu patrôno,
 Como ousais vir, aqui, a profanar-lhe o sômnio?

(Arranca o açoite,

Andar, fóra d'aqui, carcassas bolorentas,
 Prá terra, pró coval, prá covas fedorentas.
 Lobishomens de fumo, empanturrados ôdres,
 Cheirais mal, empes'ais! até, em sombra, pôdres!

(Caminhando para elles de azorrague erguido)

Fóra d'aqui, de vez, ou rasgo-vos a açoite!

*(O sino do convento toca a «Matinas». Uma luz da auro-
 ra, rompe pela janella. Um gello canta. Os espectros desapare-
 cem. O rei acorda da alucinação.)*

Matinas! Vem a luz, pr'a mim é sempre noite!

(A' janella)

O dia!... O dia vem: vai erguer-se o bom sol,
 Luzeiro do Senhor, sacrosanto farol.
 A' sua luz bemdita, os pais, filhos, amantes,
 Revêem-se outra vez, como se viam dantes.

Toda a terra se enfeita e todo o olhar se fita
E a vida recomeça, á sua luz hemdita !
O mais humilde sêr, o sêr o mais mesquinho
Vê, de novo, o seu par, seu bem, o seu carinho :
Conversa todo o olhar, n. s fallas as mais ternas,
Do alto da montanha, aos antros das cavernas :
Só eu ceguei de todo e não tê verei mais !
Só pr'a mim não ha luz ! Jamais ! Jamais ! Jamais !

(Sobe com summa raiva e dôr ao degráu posterior do tumulo. Ergue os braços ao céu :)

Santas d'esses paineis, santos d'esses altares,
Anjos que voejais na solidão dos ares,
Que viveis no remanço e paz do santuario,
Vinde chorar, aqui, por sobre este sacrario,
As lagrimas de amôr, de fé e de saudade,
Que vos deram, o céu, a gloria, a santidade !
Vinde chorar, por mim, n'um sofrimento fundo,
Todo o pranto da dôr, todo o soffrer do mundo !
Que eu não posso chorar ! e, doi-me o coração
Como se unha de urso, ou garra de leão,
Andasse a percorrer-lhe os cantos, os refólhos . . .
Eu preciso chorar ! Senhor ! dá-me os meus olhos !
Dá-me o pranto, Senhor ! o pranto que mereço,
Ou faze-me dormir . . . que morro, ou endoideço !

(Reclina-se sobre o vulto de marmore. Levanta a cabeça)

Repousa tu. Eu não. Eu que pague o meu êrro,
Vivendo no amargôr dos dias de desterro.